

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

ALINE CARRIJO DO VALE ROCHA

COMUNICAÇÃO PARA E COM OS SURDOS:
ANÁLISE DA COBERTURA DA SURDOLIMPIADAS

UBERLÂNDIA

2018

ALINE CARRIJO DO VALE ROCHA

COMUNICAÇÃO PARA E COM OS SURDOS:
ANÁLISE DA COBERTURA DA SURDOLIMPIADAS

Monografia apresentada como exigência parcial para aprovação na disciplina Pesquisa em Comunicação II do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Ivanise Hilbig de Andrade

UBERLÂNDIA

2018

COMUNICAÇÃO PARA E COM OS SURDOS:

ANÁLISE DA COBERTURA DA SURDOLIMPÍADAS

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Orientação: Prof. ^a Dr. ^a Ivanise Hilbig de Andrade.

BANCA EXAMINADORA

Prof. ^a Dr. ^a Ivanise Hilbig de Andrade.– FAGED/UFU (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Eliamar Godoi – ILEEL/UFU (Examinadora)

Prof.^a Dr.^a. Mirna Tonus – FAGED/UFU (Examinadora)

Uberlândia, 11 de dezembro de 2018

Dedico este trabalho à minha família e ao meu namorado, que sempre estiveram presentes em todos os momentos importantes de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu agradeço a Deus por tudo que me proporcionou e por conseguir chegar até aqui.

Aos meus pais Beatriz e Ricardo por sempre me incentivarem e me mostrar o caminho certo a ser seguido. Por terem compartilhado comigo essa etapa importante de minha vida e principalmente, mesmo estando longe, por serem os meus pilares de sustentação.

A minha irmã, que sempre cuidou e me deu carinho nos momentos difíceis. Por ter sido irmã e amiga ao mesmo tempo, me ensinando sempre a ser justa. Agradeço por ter me mostrado o quão importante é o respeito pelo próximo e principalmente por ter sido a principal inspiração para este trabalho. Sem você eu nada seria. Sem você a minha inspiração não valeria de nada. Eu e você somos uma só e por isso, carrego o símbolo do amor que sinto por você desenhado em minha pele. A luta é por você!

Ao Matheus, meu amor, que sempre segurou firme em minha mão e me mostrou o caminho. Que nesses quatro anos acadêmico me amparou várias vezes nos momentos de desespero. Um amor que encontrei e a cada dia se torna eterno.

Aos meus avós que durante minha vida acadêmica partiram para outro plano espiritual, mas que graças ao senhor Deus eu pude compartilhar momentos incríveis.

Agradecer aos amigos que fiz na universidade e principalmente aos momentos intensos que vivemos.

Por fim, não menos importante, à Ivanise, orientadora que aceitou o desafio de orientar este trabalho e que mesmo nos momentos de dificuldades, não desistiu de me ajudar a entender e estudar a comunidade surda.

Obrigada a todos por dividirem esta caminhada!

“Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo.”

Ludwig Wittgenstein

ROCHA, Aline Carrijo do Vale. **Comunicação para e com os surdos: análise da cobertura da surdolimpíadas**. 2018. 41. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como é feita a cobertura do evento da Surdolimpíadas por voluntários na página do *Facebook* da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS). A pesquisa também faz uma reflexão sobre a comunicação inclusiva e discute a relevância do evento para a comunidade surda e para sociedade como um todo. A análise foi realizada com base no método da Análise de Conteúdo (AC) para o estudo das postagens divulgadas na página da CBDS. Foi possível verificar que existe o conteúdo produzido gera pouco engajamento no *Facebook*, consequentemente pouca visibilidade e reconhecimento tanto dos surdoatletas quanto da competição em análise.

Palavras-chave: Análise de Conteúdo, *Facebook*; Surdos; Surdolimpíadas.

ROCHA, Aline Carrijo do Vale. **Comunicação para e com os surdos: análise da cobertura da surdolimpíadas**. 2018. 41. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

ABSTRACT

The present study aims to analyze how the coverage of the Deaflympics event by volunteers is made on the Facebook page of the Brazilian Confederation of Deaf Sports (CBDS). The research also reflects on inclusive communication and discusses the relevance of the event to the deaf community and society as a whole. The analysis was performed based on the Content Analysis (CA) method for the study of postings published on the CBDS page. It was possible to verify that the content produced generates little engagement in Facebook, consequently little visibility and recognition of both the deaf and the competition under analysis.

Keywords: Content Analysis; Facebook; Deaf; Deaflympics.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Análise de Conteúdo

CBDS – Confederação Brasileira de Desportos de Surdos

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Imagem do Instituto Central do Povo no Rio de Janeiro (RJ)	15
FIGURA 2 - Imagem do Instituto Paulista de Surdos Mudos Rodrigues Alves	16
FIGURA 3 - Imagem com número de seguidores e curtidas na página da CBDS	29
FIGURA 4 - Postagem do vídeo da abertura da Surdolimpíadas 2017	30
FIGURA 5 - Comentários do vídeo da abertura da Surdolimpíadas 2017	31
FIGURA 6 - Postagem sobre a segunda medalha da competição	32
FIGURA 7 - Postagem do vídeo da seleção de voluntários da CBDS	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 SURDOS: HISTÓRIA E FORMAS DE COMUNICAÇÃO	15
2.1 Sites de redes sociais e a comunicação da comunidade surda.....	20
2.2 A comunicação para e com os surdos.....	22
2.3 Surdolimpíadas no <i>Facebook</i> : uma proposta de análise.....	23
2.3.1 Procedimentos de análise.....	25
3 AS SURDOLIMPÍADAS: EVENTO ESPORTIVO DA COMUNIDADE SURDA.....	27
3.1 Análise da página da CBDS no <i>Facebook</i>	28
3.2 As Surdolimpíadas na opinião de quem participa.....	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5 REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as pessoas com deficiência têm saído da condição de marginalizada para conquistar espaço na sociedade e direitos civis que uma vez lhe foram negados. Da invisibilidade imposta pelo preconceito passaram a ser sujeitos atuantes nos diferentes segmentos sociais.

Em algumas civilizações antigas, como na Grécia e em Roma, os surdos eram sacrificados devido ao ideal grego de beleza e perfeição. O nascimento de uma pessoa com algum tipo de deficiência era considerado um castigo dos deuses, o que justificava sua morte. O surdo para estar bem-integrado à sociedade, deveria se adaptar à cultura ouvinte, porque somente assim poderia viver normalmente. Somente no século XX que o olhar sobre essas pessoas começa a mudar.

Compreender esse universo é importante para a sociedade. De acordo com o Censo Demográfico de 2010, cerca de 9,7 milhões de pessoas possuem alguma deficiência auditiva, sendo 344,2 mil são incapazes de ouvir (IBGE, 2010). Com base no aumento do número de pessoas surdas, o Brasil reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio da lei nº10.436 de 24 de abril de 2002 do decreto nº 5.626 instituído pela Presidência da República, que destaca o uso da Libras como um meio de comunicação (BRASIL, 2002). A partir desses dados, devemos compreender que a comunidade surda no Brasil vem crescendo e, por isso, todos precisam se adaptar e aprender a se comunicar para criar uma igualdade social onde todos possam relacionar-se com respeito e sensibilidade.

Diante de uma necessidade do povo surdo, foram criadas as associações. A partir dessas associações foram desenvolvidos campeonatos esportivos para a comunidade surda. Assim, além de resistência, o esporte tornou-se meio de inclusão, pois é nele que este grupo mostra as suas identidades e valoriza as suas diferenças. Além da inclusão social, a prática esportiva promove benefícios, como o bem-estar, proporcionando satisfação ao indivíduo. A falta de visibilidade e conhecimento sobre o esporte surdo faz com que esses sujeitos tenham muitas dificuldades para realizar essa prática.

Pensando nessa ineficiente visibilidade e nas dificuldades que essa comunidade sofre, a presente pesquisa como tema a “Comunicação para e com os surdos: análise da cobertura da surdolimpíadas” e como proposta a de analisar a cobertura da Surdolimpíada como forma de identificar maneiras de se trabalhar a inclusão social a partir da produção jornalística sobre o desporto. Além disso, um trabalho em grupo já

realizado nos anos 2017/2018 e desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para a disciplina de Projeto Experimental I e II, do qual fiz parte, também pesquisava sobre a Surdolimpíadas e os surdoatletas. O trabalho desenvolveu um Hotsite¹ (Esporte Surdo) cujo conteúdo era sobre os atletas, história do evento e as modalidades. Por isso, esta pesquisa vem sendo desenvolvida há algum tempo e traz muito engajamento e interesse.

Como dito anteriormente, o trabalho resulta de um envolvimento maior da autora com a temática, bem como de uma inquietação pessoal. Minha irmã nasceu surda e durante muito tempo convivi com o preconceito. Diante dos meus olhos vi essa comunidade crescer aos poucos e hoje se transformar e conquistar seus direitos e respeito na vida social. A partir disso, e das inúmeras convivências com outros surdos, aprendi a me comunicar sozinha e me tornei autodidata em Libras, então pude perceber a necessidade de compartilhar e tentar dar visibilidade ao esporte surdo, principalmente a Surdolimpíadas. Durante a realização do projeto experimental (PEX) no curso de Jornalismo da UFU, notou-se que o evento não dispunha de profissionais do jornalismo para uma cobertura adequada.

Diante do exposto, buscou-se neste trabalho entender como é produzida essa cobertura feita por voluntários do evento analisando materiais da página do *Facebook* e site oficial da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS). Desse modo, a questão que conduz esta pesquisa é: Como é a cobertura jornalística da Surdolimpíadas realizada por voluntários e veiculada na página do Facebook da CBDS?

Vistos os benefícios e o contexto do esporte e da Surdolimpíadas, a pesquisa objetivou compreender como é feita a cobertura do evento e sua importância para a comunidade surda, refletir sobre a prática da comunicação inclusiva pelos voluntários que fazem a cobertura da Surdolimpíadas e discutir a relevância desse evento para a comunidade e sociedade como um todo. Assim, o trabalho foi realizado a partir de análises midiáticas e estudos em materiais e fontes que proporcionaram um melhor entendimento acerca do universo surdo no desporto. O estudo justifica-se, dessa maneira, pela necessidade de melhor compreensão sobre a comunidade surda, sua cultura e formas de inclusão na sociedade. Aspectos que devem ser discutidos sob múltiplos olhares, entre eles o da apropriação dos surdos de redes sociais como o Facebook.

¹ Disponível em: <https://surdoatletas.wixsite.com/esportesurdo>. Acesso em: 28 nov. 2018.

Esta monografia está organizada em dois capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro é realizada uma breve contextualização da história da comunidade surda e do surgimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), além de uma apresentação e descrição da Surdolimpíadas e da metodologia usada nas análises. Já o segundo capítulo traz uma análise de conteúdo da página da CBDS do Facebook, com atenção especial a três postagens selecionados.

2 SURDOS: HISTÓRIA E FORMAS DE COMUNICAÇÃO

A inclusão da comunidade surda deve ser discutida sob múltiplos aspectos. Nesta pesquisa, será trabalhada a partir do ponto de vista esportivo. É inquestionável o direito que todos temos de ter uma cidadania e inclusão social e profissional. Desta forma, os surdos vêm lutando para conquistar o seu espaço em grandes eventos esportivos trazendo isso como forma de profissão e integração.

Para discutir a temática devemos entender um pouco sobre a história da comunidade surda. Em algumas civilizações antigas, como na Grécia e em Roma, os surdos eram sacrificados devido ao ideal grego de beleza e perfeição. Os surdos eram apontados como sujeitos incompletos e incapazes de aprender (MACHADO; CASARIN, s/d, p.2).

As mudanças começaram a aparecer apenas no século XVI, com o trabalho do médico italiano Girolamo Cardano (1051-1576), que passou a contribuir a favor do aprendizado dos surdos. O monge beneditino Pedro Ponce de León (1520-1584) também é considerado muito importante, pois foi o primeiro professor de surdos (MACHADO; CASARIN, s/d, p.2).

No Brasil, o ensino dos surdos só começou a ser praticado em 1855, quando Francez Huet lançou os fundamentos do atual Instituto Nacional de Surdos e Mudos. Antes dessa data não havia nenhum material referente ao ensino surdo no país, nem mesmo estudos isolados. De acordo com a série histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos (2013, p.8), a iniciativa começou individualmente, mas contou com o apoio e a proteção do Imperador Pedro II.

A partir desse pressuposto, foi criado o Imperial Instituto de Surdos Mudos, a primeira instituição educacional para surdos fundada no Brasil, constituída com apoio estatal, em 1857, no Rio de Janeiro, pelo professor francês Ernest Huet. A proposta era reeducar e desenvolver a fala (MACHADO; CASARIN, s/d, p.6). A instituição ainda existe, porém com o nome de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

De acordo com o livro “A Surdo Mudez no Brasil” (2013, p.9), em maio de 1913 um pequeno grupo de surdos reuniu-se no Instituto Central do Povo e fundou a primeira associação de surdos do país, a Associação Brasileira de Surdos Mudos. De acordo com o artigo 2º do Estatuto da Associação, os seus fins eram promover tudo o que for para o bem dos surdos do Brasil, sejam físicas, moral, intelectual e social. Ainda de acordo com o livro “A Surdo Mudez no Brasil” (2013, p.103), o Instituto Central do

Povo (Figura 1) era uma associação filantrópica evangélica no Rio de Janeiro (RJ) e tinha um departamento especial para surdos mudos para fins escolares, tendo sido fundado pelo médico Brasil Silvano.

Figura 1: Imagem do Instituto Central do Povo no Rio de Janeiro (RJ).



Fonte: Livro A Surdo Mudez no Brasil (INES, 2013)

Seguindo na linha histórica sobre a comunidade surda, o livro “A surdo mudez no Brasil” (INES, 2013, p.109) evidencia a existência de um asilo para moças surdas mudas em Itajubá (MG). O asilo era dirigido por freiras que ensinavam serviços domésticos e alguns trabalhos manuais às mulheres, não tendo nenhum ensino de leitura, escrita e linguagem. O lugar recebia uma pequena verba do governo mineiro para se manter em funcionamento. Outro caso narrado na publicação foi a criação, em 1911, do Instituto Paulista de Surdos Mudos Rodrigues Alves. Após conseguir reunir uma pequena turma de alunos, o monsenhor-bispo Giovanni Batista Scalabrini conseguiu implementar a instituição, em São Paulo (Figura 2).

Figura 2: Imagem do Instituto Paulista de Surdos Mudos Rodrigues Alves.



Fonte: Livro A Surdo Mudez no Brasil (INES, 2013).

Toda essa história foi, e ainda é, marcada por muito preconceito e luta em todo o mundo. No ano de 1880, foi realizado, em Milão, na Itália, o Congresso Internacional de Educação de Surdos. Nesse episódio, demonstrou-se que os surdos não tinham problema algum na fala, com isso, foi implantada a metodologia do oralismo. Kalataí (2012) afirma que, naquela época, seria a forma mais adequada de instruir pessoas surdas, o que faria os sujeitos se tornarem ouvintes usando o recurso da leitura labial. Nessa perspectiva de ensino, o uso dos sinais era considerado vulgar e foi banido da comunicação.

O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade (GOLDFELD, 2002, p. 34).

Essa ideia do oralismo não fazia e nem faz sentido para a comunidade surda, pois algumas expressões só podem ser compreendidas através do som. Porém, apesar de bastante difundida, a prática oralista trouxe algumas consequências. Segundo Streiechen (2012), os surdos não aprenderam a falar e milhões se tornaram analfabetos. De acordo com Schelp (2008), quando se percebeu que os surdos não conseguiam se comunicar de maneira adequada por meio do oralismo e ainda insistiam em utilizar a língua de sinais, a comunidade médica admitiu que seria melhor que eles utilizassem qualquer forma de comunicação, inclusive os sinais. Surge então o método de Comunicação Total que combina gestos, mímicas, leitura labial, entre outros.

A Comunicação Total é uma filosofia de trabalho voltada para o atendimento e a educação de pessoas surdas. Não é, tão somente, mais um método na área e seria realmente um equívoco considerá-la, inicialmente, como tal (...). A Comunicação Total, entretanto, não é uma filosofia educacional que se preocupa com ideais paternalistas. O que ela postula, isto sim, é uma valorização de abordagens alternativas, que possam permitir ao surdo ser alguém, com quem se possa trocar ideias, sentimentos, informações, desde sua mais tenra idade. Condições estas que permitam aos seus familiares (ouvintes, na grande maioria das vezes) e às escolas especializadas, as possibilidades de, verdadeiramente, liberarem as ofertas de chances reais para um seu desenvolvimento harmônico. Condições, portanto, para que lhe sejam franqueadas mais justas oportunidades, de modo que possa ele, por si mesmo, lutar em busca de espaços sociais a que, inquestionavelmente, tem direito (CICCONE, 1996, p. 06-08)

Essa teoria busca a interação e é a partir daí que os surdos passam a ser alguém, com quem podem trocar ideias, informações e sentimentos. É a partir da comunicação total que os surdos começam a mostrar seus ideais possibilitando um meio de interação ampla chegando até os dias atuais com as redes sociais, onde podem interagir à distância com outros surdos através de mensagens, vídeos e fotos.

Por meio da comunicação total, o sujeito passa a interagir com o mundo por meio de uma experiência visual e não apenas verbal ou sonora. Owen Wrigley (1996, p. 03) afirma que “o mundo visual percebe e produz a significação através de canais visuais de uma linguística espacial. Não é um mundo necessariamente melhor ou pior, apenas distinto e diferente”. A partir dessas experiências, os surdos começam a criar uma cultura própria, mas somente no século XX a forma como são vistos pela sociedade começa a mudar. Strobel reflete que:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008, p. 22).

Essa cultura surda passa a ser admitida pela sociedade, a partir de estudos científicos como o de Strobel (2008), e isso leva a um desenvolvimento de novas abordagens metodológicas de ensino para a comunidade surda, como o Bilinguismo, que surge e passa a ser visto como uma proposta educacional no Brasil, por Lucinda Ferreira Brito em um artigo no ano de 1986. Assim, começa a ser utilizada pela comunidade surda a Língua Portuguesa (escrita) e a Língua Brasileira de Sinais

(Libras). “O bilinguismo inaugura um novo debate na área da surdez, ele defende a primazia da língua de sinais sobre a língua portuguesa, antes aprendida simultaneamente na comunicação total, ou isoladamente no oralismo” (SANTANA, 2007, p. 166).

Os três conceitos para o tratamento com os surdos, como a comunicação total, a cultura surda e o bilinguismo caminham de alguma forma juntos. Assim, a cultura surda se instaura, propõe e aceita a comunicação total que une a fala e os sinais chegando até ao ensino dos surdos pela perspectiva do bilinguismo que atualmente é a melhor proposta de comunicação e educação para a comunidade.

Mesmo com essa política sobre a cultura surda, a comunidade sofreu e ainda sofre com a discriminação em relação ao uso dos termos incorretos por parte da sociedade que também tem dificuldades em distinguir terminologias como: surdo, surdo-mudo e deficiente auditivo. Segundo Honora (2009), a definição de surdo é utilizada quando a pessoa possui uma surdez profunda e é usuário da Libras. Quando o grau de surdez é leve ou moderado usa-se o termo pessoa com deficiência auditiva. Já o termo surdo-mudo deve ser evitado, visto que a surdez não implica no aparelho fonador, ou seja, o surdo não fala porque não ouve e não porque seja mudo (desprovido de voz). Gaudenzi e Ortega (2016) dizem que se um indivíduo tem uma “deficiência” não implica, portanto, que ele tenha uma doença nem que tenha que ser encarado como “doente”.

De acordo com o Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 9,7 milhões de pessoas possuem alguma deficiência auditiva, sendo 344,2 mil incapazes de ouvir (IBGE, 2010). Com base no aumento do número de pessoas surdas, o Brasil reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio da lei nº10.436 de 24 de abril de 2002, instituído pela Presidência da República, que destaca o uso da Libras como uma forma de comunicação e expressão (BRASIL, 2002).

Aos poucos, a educação dos surdos começa a ser reconhecida. Antes tratados como sujeitos da Educação Especial, conquistaram seu espaço e atualmente são formados dentro da proposta de Educação Bilíngue, que busca conhecer suas organizações linguísticas e sociais. Entretanto, os surdos têm grande dificuldade em ler e escrever a Língua Portuguesa que, em muitos casos, incide no impedimento em adquirir uma segunda língua, como a própria Libras. “Problemas como o conhecimento prévio, experiências anteriores, vocabulário, sintaxe, domínio da língua, ao lado do uso

inadequado de estratégias levam a dificuldades na compreensão” (MENDES; NOVAES, 2003, p. 134).

Dentro do contexto escolar, o instrutor de Libras (preferencialmente uma pessoa surda) passa a ser indispensável nas escolas, pois são os responsáveis por ensinar a Língua de Sinais aos surdos, aos pais de surdos e aos profissionais que trabalham ou trabalharão com pessoas surdas. Além disso, o intérprete de Libras, que deve ser uma pessoa ouvinte, também é fundamental. Embora a Libras tenha sido instituída no Brasil desde o século XX, sendo oficialmente reconhecida em 2002, a realidade nas escolas é diferente. Kalatai (2012, p.10) afirma que, “mesmo frente às políticas propostas, percebemos que a educação de surdos ainda deixa muito a desejar e anda a passos lentos”.

Em busca de uma integração, entende-se que são necessários programas que contemplem o acesso do surdo a práticas sociais e esportivas. Por outro lado, também é preciso considerar o esporte um elo fundamental entre os surdos, pois a participação em eventos e campeonatos vai além do desenvolvimento físico: a comunicação é essencial para consolidar sua identidade.

2.1 Sites de redes sociais e a comunicação da comunidade surda

De acordo com Gabriel (2010), desde o surgimento da internet comercial, no início dos anos 1990, até os dias atuais, ocorrem mudanças significativas na *web*: da *web* estática para a dinâmica, da *web* de leitura para a de participação até chegar à *web* de interação. As pessoas deixam de consumir apenas informação e avançam para a *web* da participação, onde interagem com os outros a partir das redes sociais, vídeos, fotos, etc. Essa *web* se caracteriza pela facilidade de publicar e compartilhar conteúdos e informações de qualquer meio.

Entendida essa evolução e considerando o uso que se faz hoje da internet, como espaço de troca e compartilhamento de informações e experiências, é natural transpor esse debate para a importância que as redes sociais digitais assumem para a comunidade surda. Uma dessas principais redes é o *Facebook*, que possibilita fazer amizades, interagir, divulgar campanhas, eventos, entre outros.

Rede social é gente, é interação, é troca social. É um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede. Os nós da rede representam cada indivíduo e suas

conexões, os laços sociais que compõem os grupos. Esses laços são ampliados, complexificados e modificados a cada nova pessoa que conhecemos e interagimos (RECUERO, 2009, p. 29).

De acordo com o site oficial de uma empresa norte-americana de marketing digital (*eMarketer*) estima-se que 2.46 bilhões de pessoas em 2017 entraram em alguma rede social pelo menos uma vez no mês. A partir desses dados, a rede social que mais se destaca é o *Facebook*, que representa 60,8% dos internautas que entraram na rede pelo menos uma vez por mês. Além disso, de acordo com o site Tecnologia UOL², o Brasil é o país que mais teve crescimento de usuários no *Facebook* em 2012.

A rede sociotécnica, como é chamada o *Facebook*, é uma ferramenta apropriada para criar maneiras simbólicas de um espaço social entre os usuários, como explica Recuero (2014). Sendo assim, o *Facebook* se torna um instrumento de fácil acesso onde todos podem propagar a informação. Além disso, a plataforma disponibiliza instrumentos como “curtir”, “compartilhar” e “comentar” que serve de ponte para os usuários se comunicarem e desenvolverem a web de interação e também registram suas ações. A partir desse registro, é possível que as conversações sejam buscadas por outros usuários.

“As conversações tomam outra dimensão: elas são reproduzidas facilmente por outros atores, espalham-se nas redes entre os diversos grupos, migram e tornam-se conversações cada vez mais públicas, moldam e expressam opiniões, geram debates e amplificam ideias” (RECUERO, 2014, p. 116).

O *Facebook* compõe laços sociais que também compõe grupos, isso é importante para a comunidade e cultura surda, pois além de trazer a interação, facilita a comunicação entre os mesmos. Além disso, o *Facebook* tem se tornado importante entre os surdos estando em muitos momentos entre os principais meios de comunicação.

A apropriação, pela comunidade surda, de sites e redes sociais como o *Facebook*, é utilizada também como ferramenta para divulgação das ações esportivas e forma de comunicação e produção de sentido sobre a Surdolimpíadas e outros eventos. Partindo dessa ideia, a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) passou a utilizar a página para divulgação e cobertura completa de jogos. Em pesquisa exploratória foi possível identificar que, por mais que a página da confederação tenha

² Disponível em: <https://tecnologia.uol.com.br/album/2012/08/03/maior-rede-social-do-mundo-facebook-tem-numeros-estratosfericos-conheca.htm#fotoNav=6>. Acesso em: 28 nov. 2017.

um bom trabalho diário os seguidores não interagem com as publicações, notou-se que não há muitas curtidas e comentários nos conteúdos.

A partir dessa percepção, mesmo que a comunidade surda utilize sites e redes sociais para divulgação de materiais e eventos, ainda há uma barreira entre os surdos e a sociedade em geral. Portanto, toda e qualquer produção deve ser baseada em um público específico para atingir e definir o caminho pelo qual o produto irá seguir o seu processo, nesse caso, atingir toda a comunidade surda e demais. Como dito anteriormente, o momento atual da web possibilita vastas maneiras na criação de conteúdo e propagação da informação.

2.2 A comunicação para e com os surdos

Várias entidades, estudiosos e ativistas têm se posicionando publicamente a favor do direito à comunicação, tomando-o como um mecanismo de se efetivar a democratização dos meios de comunicação (PERUZZO, 2007, p.6). Com isso, os produtos de comunicação que envolvem a comunidade surda tem sido feitos com e para minoria. É importante que sejam produzidos materiais jornalísticos para essa parcela da população, pois torna-se uma comunicação cidadã, inclusiva e possibilita a participação desses sujeitos em diversas situações, entre elas, os eventos esportivos. Além de que, deve ser um compromisso de jornalistas e comunicadores que todas as pessoas tenham o direito à informação garantido.

O direito à comunicação e informação é uma condição para a cidadania, tendo como objetivo a interatividade e socialização com outras pessoas e culturas. Os princípios fundamentais que envolvem a cidadania são: igualdade e liberdade. No Brasil, após a ditadura militar, conseguiu-se recuperar esse direito; a liberdade de imprensa e a livre circulação de ideias, de acordo com Peruzzo (2007, p.18).

Além dessa liberdade, a comunidade surda deixa explícita a importância do *Facebook* como ferramenta popular entre eles, mas por que utilizar o *Facebook* como comunicação? A plataforma possibilita uma maior interação entre os surdos permitindo que os mesmos escrevam mensagens, postem fotos, vídeos, gifs, façam chamada de vídeo para conversar em Libras, entre outros. A página também possibilita que qualquer conteúdo seja publicado, isso contribui para a formação do senso crítico do surdo.

Como dito anteriormente, devido ao rápido crescimento das tecnologias e após o surgimento da Internet, as pessoas passaram a se relacionar cada vez mais virtualmente.

O *Facebook*, nesse sentido, é tido como uma rede que propicia relacionamentos pessoais e hoje, além disso, a página proporciona à divulgação de notícias, eventos, entre outros, se tornando tão popular e se difundindo mundialmente.

É uma rede que focaliza o caráter semiótico, por conter vários assuntos cuja abordagem é mediada pelo visual, como fotos, desenhos, cores, artes, vídeos, palavras entre outros. Vivenciando a realidade como pessoa surda, foi possível perceber que esses dispositivos cativam os surdos, que estão interligados ao mundo visual e se sentem em casa ao se apoderarem desse meio para se comunicarem com seus semelhantes (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2017, p.352).

De acordo com esses autores, o interesse por essa rede social deve-se à liberdade de expressão que o *Facebook* possibilita para a comunidade, permitindo tratar sobre qualquer tipo de assunto e contribuindo para a construção do senso crítico dos surdos. Além disso, a utilização de *emoticons* é fundamental, pois, como são usuários da Libras, através das imagens os surdos compreendem mais facilmente a mensagem.

O *Facebook* também possibilita à comunidade surda criar grupos como forma de interação e discussão. Segundo pesquisa realizada por Oliveira e Almeida (2017), essa opção foi a mais utilizada pelos surdos para compartilhar e discutir sobre sua cultura, contribuindo também para uma socialização com pessoas de outros lugares do mundo.

A importância em focar nessa plataforma é analisar a interatividade e escrita dos surdos, pois como explicitado no início deste capítulo, o uso da Língua Portuguesa ainda é um desafio para a comunidade. Nesse contexto digital, nota-se uma informalidade na escrita, mas uma maior interação possibilitando o compartilhamento de ideias e novidades que o *Facebook* proporciona.

2.3 Surdolimpíadas no *Facebook*: uma proposta de análise

A proposta de análise deste trabalho utiliza a metodologia da Análise de Conteúdo (AC) como forma de compreender as mensagens relacionadas ao contexto analisado. A AC aceita permite qualificar as vivências do sujeito, como por exemplo, as percepções sobre um objeto e seus fenômenos (BARDIN, 1977, p.13).

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, 1999, p.2).

Neste trabalho, foram analisadas as estruturas textuais e imagéticas, enquanto conteúdo das postagens feitas no *Facebook* da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), a fim de entender como os elementos da página se articulam para garantir a comunicação cidadã e inclusiva da comunidade surda. A Análise de Conteúdo neste contexto pode ser explicada pela necessidade de entender as relações que se estabelecem entre as mensagens e seu contexto. De acordo com Minayo (2007, p.16), a Análise de Conteúdo desdobra-se nas etapas de pré-análise, exploração do material ou codificação e, por fim, tratamento dos resultados obtidos.

A Análise de Conteúdo consiste em ler e interpretar o conteúdo analisado a partir de categorias pré-definidas. Segundo Moraes (199, p. 4), há seis categorias fundamentais para analisar um material, quais sejam: *Quem fala? Pra dizer o que? A quem? De que modo? Com que finalidade? Com que resultados?*. Utilizando essas questões pode-se categorizar os objetivos da análise.

A estrutura textual presente nas publicações no *Facebook* da CBDS são próprias da comunidade surda, agregando fotos, *emoticons*, vídeos em Libras e também linguagem escrita em língua portuguesa, ainda que com erros gramaticais. De acordo com Maingueneau (2008, p.57), entende-se como texto qualquer produção verbal, oral ou escrita, e não é necessariamente produzido por um só autor. Além disso, também pode se apropriar desse discurso os signos linguísticos e icônicos (fotos, desenhos, etc.).

Neste trabalho, além dos textos escritos, também foram consideradas as fotos, *emoticons* e os vídeos. Esses elementos que constituem o conteúdo analisado na pesquisa permitem compreender a importância da leitura imagética realizada pela comunidade surda. A Língua de Sinais é o meio de interação e comunicação dos surdos, assim, os mesmos são bilíngues, utilizando tanto a Língua Portuguesa quanto da Libras.

Desta forma, vale destacar que os surdos são privilegiados por terem a oportunidade de aprenderem tanto a Língua de Sinais (LIBRAS) quanto a Língua Oral Escrita e serem biculturais. Sacks (1990, p. 352) acredita na capacidade dessa comunidade de aprender mais de duas línguas e outras culturas, enriquecendo o intelectual.

Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa procedeu não apenas a uma análise textual das postagens, mas também foram analisadas as imagens e vídeos produzidos e veiculados no *Facebook*. De acordo com Souza (1997, p.4), o trabalho de interpretação da imagem, assim como na interpretação do verbal, vai pressupor também a relação com a cultura, o social, o histórico, enfim, com a formação social dos sujeitos. As

imagens analisadas neste trabalho, principalmente os vídeos em Libras e sem áudio, possibilitam um caminho de interpretação para aqueles que não dominam essa linguagem.

Ao se interpretar a imagem pelo olhar - e não através da palavra - apreende-se a sua matéria significante em diferentes contextos. O resultado dessa interpretação é a produção de outras imagens (outros textos), produzidas pelo espectador a partir do caráter de incompletude inerente, eu diria, à linguagem verbal e não-verbal (SOUZA, 1997, p. 8).

Assim, os vídeos veiculados na página do *Facebook* da CBDS e os comentários a eles relacionados, analisados nesta pesquisa, podem ser compreendidos como parte do conteúdo que compõe a página e, através de sua articulação, é possível construir uma narrativa sobre o assunto ali publicado, ou seja, as fotos e vídeos também se comunicam com o internauta.

Essa utilização do discurso não-verbal é muito importante para os surdos, pois sua comunicação é toda voltada para a utilização de gestos e mímicas, sendo elas imagéticas, diferente dos ouvintes que se utilizam da fala para se comunicarem. Com isso, a utilização de imagens na página proporciona uma maior interação com a comunidade surda.

2.3.1 Procedimentos de análise

O trabalho buscou analisar como é feita a cobertura de jogos e eventos da Surdolimpíadas a partir da análise do conteúdo de três postagens produzidas por voluntários e veiculados na página do *Facebook* da CBDS. Além disso, foi feito um levantamento de informações com fontes que participaram do evento esportivo, bem como com a própria Confederação.

Inicialmente, percebeu-se que a participação de desportistas e familiares na página do *Facebook* é recorrente e traz uma sustentação para a mídia. A CBDS, em si, utiliza a plataforma para divulgar eventos esportivos que ocorrem durante todo o ano e em vários lugares do Brasil e outros países também, pois a Surdolimpíadas é um evento mundial.

A página da CBDS na época da Surdolimpíadas (2017) foi analisada como um todo, além disso, foram selecionados dois vídeos e uma postagem, todos do ano de 2017. Um vídeo e uma postagem são do mês de julho, período em que aconteceu a

Surdolimpíadas, os conteúdos se referem à abertura do evento e à conquista da segunda medalha pela equipe do Brasil na competição, na modalidade natação. O terceiro material, um vídeo, é do mês de dezembro. Nele, as pessoas interessadas e fluentes em Libras são convidadas a se candidatarem como voluntários da equipe de comunicação da CBDS, a partir de 2018. Os vídeos analisados foram produzidos em Libras por voluntários da Confederação. O ambiente onde foram gravados os vídeos é neutro, isso ajuda para que não haja dispersão do foco.

Os comentários fazem parte das postagens e por isso também foram analisados, bem como os *emojicons* que expressam, na maioria das vezes, sentimentos como: curti, amei, risos “haha”, uau, triste e nervoso “grr”. É notória a participação da comunidade surda dando apoio e força aos atletas na época da competição, também podemos notar comentários que parabenizam os surdoatletas. Além disso, é importante visualizar e entender que há uma dificuldade dos surdos com a Língua Portuguesa, a forma de escrita é desconexa, ou seja, os surdos não utilizam as preposições condizentes às normas gramaticais da língua. Por isso, na maioria das vezes, são utilizados vídeos para uma melhor comunicação com a comunidade.

Outra etapa da pesquisa incluiu a realização de entrevistas com pessoas ligadas à área. Foi realizada uma entrevista com Matheus Rocha da Costa, surdoatleta e membro da CBDS que vive em Uberlândia (MG)³. Também houve uma troca de e-mails com a CBDS para maior compreensão do trabalho desenvolvido na Surdolimpíadas.

² Entrevista e troca de e-mails realizadas no ano de 2017/2018 para a realização de um trabalho da disciplina de Projeto Experimental I e II.

3 AS SURDOLIMPIADAS: EVENTO ESPORTIVO DA COMUNIDADE SURDA

De acordo com o site oficial⁴, a Surdolimpíada (*Deaflympics*) foi chamada inicialmente de “Jogos Internacionais Silenciosos” e teve a sua primeira edição em 1924, em Paris, na França. Em 2000, o Comitê Internacional de Esportes Surdos adotou a Surdolimpíadas como sendo o nome oficial do evento. A primeira participação do Brasil nos jogos foi em 1993, em Sofia, na Bulgária. Em 1995, o Comitê Olímpico Internacional reconheceu a Surdolimpíadas como sendo independente do Comitê Paralímpico Internacional, ou seja, se tornando um evento único e específico para atletas surdos.

No site oficial da competição, destaca-se que a principal diferença entre as Surdolimpíadas, a Paralimpíadas e Olimpíadas é a necessidade de uma comunicação especial. Segundo DaCosta (2005), a comunidade surda entende que seu tipo de deficiência não interfere na prática de esportes, visto que não afeta nenhuma função motora, o que garante que eles consigam executar qualquer atividade física, sem necessitar de grandes mudanças, exceto ao tipo de comunicação.

De acordo com Caldas (1986), o Brasil é visto como o “país do futebol”, mas, além disso, o esporte no geral tem uma característica que une o povo brasileiro. A comunidade surda é capaz de participar de qualquer competição, o que muda é a forma de comunicação, ou seja, passa de auditiva para visual, mas, apesar disso, o esporte surdo ainda sofre com a dificuldade de interação social. A prática esportiva proporciona desenvolvimento na própria língua (Libras) podendo haver uma interação das culturas do Brasil com outros países. Segundo Quadro e Massutti (2007), as festas, os jogos, os encontros nacionais foram e continuam sendo formas para propiciar a interação social e o desenvolvimento da língua surda.

Nesse sentido, a cobertura esportiva começaria a direcionar o esporte não apenas para a ideia de competição, mas também como um direito fundamental do cidadão. A mídia auxilia o desenvolvimento de um evento esportivo na medida em que divulga as competições e as transformam em grandes espetáculos, como é a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Unzelte e Prado (2009, p.94) afirmam que “os atletas carecem de divulgação”.

⁴ Disponível em: http://cbds.org.br/?page_id=3578. Acesso em: 22 set. 2018.

O debate sobre inclusão e direitos é cada vez mais real, por isso, a visibilidade do esporte surdo é uma maneira de colocar em pauta o tema e a sua importância. “A noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. O ponto-chave é que, muitas vezes, tal cobertura exige mais do que noção de realidade” (COELHO, 2015, p.22).

Assim, a ideia da comunicação para e com os surdos conduz esta pesquisa a compreender, através da Análise de Conteúdo, como é a cobertura da Surdolimpíadas realizada por voluntários na página oficial do *Facebook* da CBDS. Desta forma, é importante entender como é feita essa divulgação na rede social e como é a interação da comunidade. Longe de serem considerados como um grupo de pessoas marcadas pela deficiência e pela ânsia de cura e normalização, os surdos são pensados como uma comunidade com identidades próprias caracterizadas por elementos que marcam suas diferenças.

3.1 Análise da página da CBDS no *Facebook*

O *Facebook* da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS)⁵ contava com mais de 22.522 seguidores e 22.393 curtidas até o dia 27 de outubro de 2018. Ao analisar a página, verificou-se uma grande divulgação de eventos esportivos de todas as modalidades para atletas surdos do Brasil. Além disso, pode-se perceber que eles também utilizam o *Facebook* para divulgar esses materiais em formatos diversos, como texto, foto e vídeo. Essa diversidade possibilita aos atletas surdos e ouvintes terem acesso aos conteúdos por meio da plataforma.

⁵ Disponível em: https://www.facebook.com/cbdsbrasil/?ref=br_rs. Acesso em: 2 out. 2018.

Figura 3: Imagem com número de seguidores e curtidas na página da CBDS.



Fonte: Print adaptado do Facebook da CBDS. Disponível em:
https://www.facebook.com/cbdsbrasil/?ref=br_rs

A página também divulga a Surdolimpíadas (*Deaflympics*), que é pouco tratada entre os grandes veículos de comunicação tradicional. A última competição aconteceu no ano de 2017, em Samsun, na Turquia, e a CBDS encarregou-se de fazer toda a cobertura do evento divulgando os resultados dos atletas brasileiros. Ainda, a página divulga postagens diárias de eventos, jogos e vídeos (perfis, relatos, campeonatos, etc.) para a comunidade surda e outros.

A partir dessa análise geral, necessitou-se aprofundar nos conteúdos que se dispunham na página. Por isso, foram selecionados três materiais distintos, sendo eles: dois vídeos e uma postagem com foto. Também para sustentar a análise, foi feita uma entrevista com um surdoatleta, Matheus Rocha da Costa, que compete na modalidade badminton pela seleção brasileira e uma troca de e-mails com a CBDS para mais informações sobre a Surdolimpíadas. A entrevista foi realizada para a disciplina de PEX e reutilizada neste trabalho.

Partindo de uma ordem cronológica crescente, o primeiro vídeo analisado foi veiculado na página da CBDS no dia 19 de julho de 2017 e referia-se à abertura da Surdolimpíadas que ocorreu no dia 18 de julho de 2017, em Samsun, na Turquia (Figura 4). A cerimônia de abertura aconteceu às 12h (horário de Brasília) que corresponde às 18h (horário de Samsun).

O conteúdo tem 2 minutos e 20 segundos de duração e mostra a abertura do evento e as delegações de vários países entrando no estádio, os surdoatletas interagindo com as pessoas na arquibancada e com os jornalistas que estavam fazendo a cobertura.

No vídeo, também pode-se observar que os atletas carregam a bandeira de outros países e fazem o símbolo do “eu te amo” em libras para as câmeras. Também foi observado que o estádio estava todo equipado com telões para transmitir a interpretação em Libras do evento para os surdoaltetas, além de mostrar um atleta da Turquia acendendo a chama olímpica.

Figura 4: Postagem do vídeo da abertura da Surdolimpíadas 2017.



Fonte: Print adaptado do Facebook da CBDS. Disponível em: https://www.facebook.com/cbdsbrasil/?ref=br_rs

O vídeo está acompanhado de um texto introdutório em Língua Portuguesa, sendo ele: “Abertura foi linda! Publicaremos fotos mais tarde. #SomosTodosSurdolímpicos #Deaflympics2017”. As hashtags são importantes para obter uma maior propagação da informação, neste caso, elas levam a várias outras publicações relacionadas ao evento. Além disso, o vídeo tem o som ambiente, ou seja, sons da plateia, música e também narração de um locutor em língua estrangeira. Os comentários (Figura 5) receberam muitas marcações de outras pessoas⁶, além de frases que remetem à emoção de familiares, amigos e usuários da página. Também foi verificado que alguns dos comentários estavam com erros de português devido à dificuldade que os surdos têm com a língua, como por exemplo “Muito emocionante...

⁶ Fazer marcações é simplesmente criar um hiperlink para notificar amigos nas publicações. Assim que a pessoa clicar na notificação, ela já é direcionada para o conteúdo marcado.

Você parabéns e lembra rápido de tudo que passou para estar hoje lá, aí você ver essa alegria contagiante deles. É muito gratificante!!!”. Os comentários também têm hashtags como, #VaiBrasil. O conteúdo teve 182 curtidas e nove comentários.

Para os surdos, a língua portuguesa é bem complicada, pois eles não utilizam as preposições que condizem as normas gramaticais, dessa forma, eliminam os verbos de ligação das frases. Com isso, os surdos acabam usando a gramática da Língua de Sinais formando frases desestruturadas. Isso não quer dizer que os mesmos não conseguem expressar o que estão sentindo e o que querem dizer, mesmo sem os verbos de ligação, as frases podem ser compreendidas.

Nessa primeira análise pode-se observar que o conteúdo não é totalmente acessível à comunidade surda, pois o vídeo tem áudio e não tem nenhum intérprete fazendo a interpretação para os usuários surdos, isso levanta a discussão se a página é realmente acessível. Além disso, a hashtag #SomosTodosSurdolímpicos traz um discurso de inclusão, mas se contradiz com o restante da publicação, que não tem essa acessibilidade. A postagem também dispõe de pouca informação no texto introdutório dificultando a interação da comunidade com o conteúdo.

Levando em consideração os atletas, familiares e a própria Confederação, essa publicação é sinônimo de emoção, pois é perceptível o quanto os surdoatletas estão felizes em estar na Surdolimpíadas e também a reação de familiares e amigos nos comentários da postagem.

Figura 5: Comentários do vídeo da abertura da Surdolimpíadas 2017



Fonte: Print adaptado do Facebook da CBDS. Disponível em:
https://www.facebook.com/cbdsbrasil/?ref=br_rs

Em seguida, foi analisada uma publicação feita no dia 23 de julho de 2017 onde foi divulgada a foto do nadador Guilherme Maia, que ganhou a medalha de bronze e bateu recorde nos 100 metros livres. A publicação (Figura 6) informa brevemente que o atleta ganhou a segunda medalha do Brasil na Deaflympics 2017, “2° medalha do Brasil no Deaflympics 2017 veio na natação. Bronze de Gui Maia”. Na foto, o surdoatleta está em pé, com uma jaqueta amarela simbolizando o Brasil, a medalha de bronze envolvida em seu pescoço e com a mão direita apoiada em seu peito em respeito à execução do Hino Nacional Brasileiro.

Figura 6: Postagem sobre a segunda medalha da competição



Fonte: Print adaptado do Facebook da CBDS. Disponível em:
https://www.facebook.com/cbdsbrasil/?ref=br_rs

Aqui também não podemos deixar de pensar e analisar a questão da acessibilidade, pois a publicação deveria ter agregado novamente um vídeo com um intérprete fazendo uma leitura da foto. O texto introdutório da postagem também é bem curto o que pode dificultar na leitura do surdo, não sendo suficiente para se comunicar com os mesmos.

A foto teve 245 curtidas entre emojis expressando “amor” e “uau”. Além disso, a imagem conta com três comentários, sendo eles: “Parabéns. Bronze. Deus abençoado. Braaaasiiiiiiil torcido”; “Parabéns dois vezes bronze, importante participou” e um emoji

de uma bonequinha segurando a bandeira do Brasil. Esses comentários são importantes para mostrar que há pessoas interessadas em acompanhar o desenvolvimento desses atletas na competição, além de mostrar uma constante torcida. Além disso, é sempre importante ressaltar que não devemos deixar de analisar nos comentários a dificuldade que os surdos têm na escrita da Língua Portuguesa, pois, mesmo sem os verbos que fazem a ligação das frases, os surdos conseguem transmitir a mensagem para o internauta.

Por fim, o último material analisado foi um vídeo do dia 12 de dezembro de 2017, produzido para a seleção de novos voluntários da CBDS (Figura 7). O material tem 8 minutos e 25 segundos de duração e mostra uma moça vestida com a camiseta do Brasil com as logomarcas da Confederação em um ambiente neutro para que não haja uma dispersão do telespectador. O vídeo também conta com um texto introdutório, sendo ele: “Publicamos este vídeo para as pessoas fluentes em Libras interessadas em participar da seleção de voluntários para atuar na equipe de comunicação da CBDS a partir de 2018”. Também notou-se que o vídeo não tem som ambiente e na publicação tem um link que dá acesso a outra página onde aparece o mesmo vídeo acompanhado da tradução em português no formato de texto para aqueles internautas que não são fluentes na Língua Brasileira de Sinais e queiram entender do que se trata o conteúdo. O material é relacionado a uma seleção de voluntários para trabalhar na produção e edição de conteúdos para as páginas oficiais do *Site*, *Facebook* e *Instagram* da CBDS. No vídeo, a moça diz que Confederação não dispõe de recursos públicos ou privados para os pagamentos de honorários profissionais, por isso a busca por voluntários.

Figura7: Postagem do vídeo da seleção de voluntários da CBDS



Fonte: Print adaptado do Facebook da CBDS. Disponível em: https://www.facebook.com/cbdsbrasil/?ref=br_rs

O vídeo teve 5,5 mil visualizações, 97 compartilhamentos e 29 comentários, além de 158 curtidas. Os comentários são relacionados a pessoas interessadas em se voluntariar e tirar dúvidas sobre a seleção, em alguns casos, a própria CBDS responde a alguns comentários. No vídeo, pede para que as pessoas se inscrevam até o dia 20 de dezembro de 2017 e que enviem um vídeo por e-mail de no mínimo 4 e máximo de 20 minutos em Libras respondendo a questão “Porque eu quero ser voluntário da CBDS?”. Além disso, para as vagas oferecidas para *designer* de imagens e *webdesigner* o candidato não precisa ter fluência em Libras, por isso ele pode mandar uma carta de intenção escrita em português ao invés do vídeo.

O *Facebook* da CBDS foi analisado e no ano de 2017, em especial na época da Surdolimpíadas, houve um monitoramento da página. Observou-se que a rede social foi utilizada de diferentes formas, como: divulgação de matérias de veículos de comunicação referentes à surdoatletas, vídeos em libras e com legenda (com e sem áudio ambiente) de desportistas e integrantes da CBDS divulgando sobre a necessidade em ter voluntários na delegação de 2017 para a área de saúde (massagistas/massoterapeutas) e também divulgando uma campanha para as pessoas interessadas em fazer doações, comprar camisetas do evento, patrocínio entre outras parcerias para ajudar a delegação brasileira a trazer bons resultados da competição. Além disso, a página também foi utilizada para uma ampla comunicação com todos os surdoatletas, técnicos e voluntários que iriam participar da Surdolimpíadas 2017 (Figura 8), como na postagem do dia 22 de maio de 2017, “Atenção Surdoatletas, Técnicos e Voluntários que vão participar do Deaflympics 2017. Por gentileza, quem ainda não encaminhou seus documentos e comprovante de pagamento façam o mais rápido possível. A coordenação da Delegação estará entrando em contato por e-mail durante esta semana cobrando o que está faltando e encaminhando os recibos dos pagamentos realizados. Documentos necessários: Preencher cadastro online; Foto de perfil (imagem com qualidade); Termo de compromisso; Passaporte; comprovante(s) de pagamento do pacote (inscrição, kit uniforme, hospedagem). Obs: quem já comprou passagem aérea deve enviar cópia. Email: surdolimpiadas@cbds.org.br”.

É importante analisar que essa publicação foi escrita na Língua Portuguesa. Como é um comunicado importante que não envolve apenas pessoas ouvintes, acredita-se que o recado trouxe certa dificuldade na interpretação por parte dos surdos. Dessa

forma, para uma acessibilidade maior, a postagem deveria estar acompanhada de um vídeo para os surdoatletas que não têm total domínio da Língua.

Apesar de ter escolhido apenas três materiais para analisar e ter feito um acompanhamento direto da página do *Facebook* da CBDS, foram analisadas também as formas que a própria Confederação utilizou para essa comunicação e divulgação. Em todos os momentos pode-se verificar que não há uma comunicação perfeita, contendo erros como, textos escritos em Língua Portuguesa e sem o acompanhamento de vídeos com intérprete, postagem de fotos com pequenos textos introdutórios, entre outros. Como a página é de interesse maior da comunidade surda, seria necessário que a mesma se dispusesse a ter mais sensibilidade e acessibilidade para e com a comunidade, ou seja, que as fotos postadas estejam sempre acompanhadas de textos mais elaborados e com mais informações e ter junto um vídeo onde uma intérprete possa descrever a imagem. Tudo isso está relacionado à cidadania e à informação de todas as pessoas, inclusive a comunidade surda.

3.2 As Surdolimpíadas na opinião de quem participa

Partindo para uma análise complementar, em entrevista com o surdoatleta Matheus Rocha⁷, ele comentou que os únicos meios de divulgação da Surdolimpíadas no Brasil são o *Facebook* e o site oficial da Confederação, o que é pouco no seu ponto de vista. Segundo ele, em outros países a Surdolimpíadas é tratada como um evento de grande proporção e divulgada em todos os veículos de comunicação, principalmente na TV. Além disso, o atleta espera que um dia a competição tenha uma propagação tão boa no país quanto lá fora, não só as Olimpíadas dos Surdos como todos os outros eventos esportivos organizados pela CBDS, pois infelizmente os amistosos e campeonatos ainda dependem de redes sociais para se propagarem.

Foram trocados alguns e-mails com a CBDS para um melhor entendimento do que seria a Surdolimpíadas e para obter mais informações sobre os surdoatletas⁸. Foram destinadas algumas perguntas para o Administrativo da Confederação, sendo elas: indicações de atletas e/ou técnico; contato de algum membro da CBDS; história da

⁷ Entrevista completa. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/11mO2anzcJr1e1wd8UGpC6FhtTShKEAkF/view?usp=sharing>.

⁸ Houve uma troca de e-mails, em 2017 para a disciplina de Projeto Experimental I e II, com a parte administrativa da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos para obter maiores informações sobre os surdoatletas e a Surdolimpíadas.

confederação nas Surdolimpíadas e um formulário de todos os esportes em que o Brasil compete. A Confederação não foi muito solícita e obtiveram-se respostas curtas e diretas.

Em alguns momentos, a CBDS solicitou que fossem feitas pesquisas no *Facebook* e Site para obter melhores informações. O único dado concreto que foi passado por e-mail é a de que 98 atletas participaram da última Surdolimpíadas no ano de 2017.

“Nós somos uma equipe de voluntários espalhada pelo Brasil, que está altamente sobrecarregada de trabalho para manter a CBDS funcionando bem, como já disse em outros e-mails a iniciativa de vocês é bastante importante e válida, vai contribuir para dar mais visibilidade ao esporte de surdos atingindo pessoas que desconhecem essas informações. Porém, o trabalho investigativo deve ser feito por vocês, eu entendo que isso é a atividade que o professor está solicitando de vocês. Busquem e organizem as informações que já estão disponíveis ao público na internet; para além disso poderemos estar respondendo as dúvidas de vocês e complementando alguma informação” (CBDS, 2018).

Infelizmente, é muito difícil trabalhar sem a colaboração da parte que deveria estar mais interessada. Porém, foram feitas as análises dos conteúdos produzidos pela CBDS no *Facebook* e, com elas, foi possível verificar que as publicações na página são próprias da comunidade surda, pois muitos utilizam a rede social como forma de interação e relacionamento através da escrita, tornando-se assim um discurso não-verbal.

Com isso, o trabalho analisou a forma que CBDS criou para divulgação do maior evento esportivo da comunidade surda e também de pequenos campeonatos e amistosos. Acredita-se que a estratégia utilizada pela confederação ainda tem falhas, mesmo sendo um meio em que as pessoas se relacionam cada vez mais. Porém, os próprios surdoatletas têm esperança de uma melhor divulgação do seu trabalho e esforço e que as próprias mídias deveriam expressar maior interesse nesses conteúdos. De acordo com o surdoatleta Matheus Rocha, depois que se aprende o esporte ele se torna sua vida e ele não saberia mais viver sem o desporto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisa o conteúdo sobre a cobertura da Surdolimpíadas por voluntários na página do *Facebook* da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS). Além disso, também buscou trazer uma reflexão sobre a comunicação inclusiva discutindo a relevância do evento esportivo para a comunidade surda e sociedade como um todo. A monografia foi estruturada em dois capítulos: um que apresenta a história da comunidade surda, o evento da Surdolimpíadas, a metodologia utilizada e um que reúne os resultados da análise.

A pesquisa se baseou em um estudo aprofundado sobre a história da comunidade surda e sobre a cobertura da Surdolimpíadas. Com base nisso, pode-se notar diversas falhas na comunicação e também falhas de acessibilidade. Contudo, é importante reforçar que mesmo que a comunidade surda utilize sites e redes sociais para divulgação, ainda há uma grande barreira a ser vencida entre os surdos e a sociedade como um todo.

Toda e qualquer produção feita deve ser baseada em um público específico para que o objetivo possa ser atingido de maneira eficaz. Como já dito neste trabalho, o momento atual da *web* possibilita diversas maneiras na criação de conteúdos e propagação de informações. Neste caso, o *Facebook* da CBDS não está cumprindo sua função com sucesso, pois postagens de fotos e vídeos podem deixar de ser entendida facilmente por falta de acessibilidade, como a falta de vídeos acompanhando as publicações, pois mesmo que o conteúdo esteja acompanhado de textos introdutórios, devemos lembrar que os surdos tem uma vasta dificuldade com a Língua Portuguesa.

Além disso, também podemos notar a falta de interação do público com as postagens. Ao analisar a página do *Facebook*, pode-se perceber que não há muitos comentários e curtidas nas publicações, isso leva a entender que mesmo que haja um acompanhamento frequente do conteúdo, a sociedade como um todo ainda tem receio de se relacionar e interagir. É inquestionável o direito que todos temos à cidadania e à inclusão social seja ela interativa ou profissional, com isso, os surdos vêm lutando cada vez mais para conquistar seu espaço na sociedade e em grandes eventos.

Assim, além de analisar, o trabalho também buscou dar visibilidade aos surdoatletas que lutam a cada dia para que haja reconhecimento tanto do evento quanto do seu trabalho. A Surdolimpíadas não é um evento qualquer, é um trabalho de socialização da comunidade e de superação.

É possível observar, por fim, que apesar de os surdos serem brasileiros como nós, acabam vivendo como estrangeiros dentro do seu próprio país pela falta de interesse e engajamento que muitas pessoas têm de aprender a se comunicar com o outro. É importante ressaltar que ainda há pessoas interessadas em lutar pelas causas da comunidade surda e que um dia esse cenário que ainda é de preconceito e luta possa se transformar em um mundo repleto de diversidade e respeito uns pelos outros.

Para pesquisas futuras é fundamental questionar o porquê da falta de profissionais da área de jornalismo na cobertura de eventos como a Surdolimpíada e porque não há a veiculação do mesmo em outros meios de comunicação além das redes sociais. É importante que essa visibilidade da comunidade surda saia da página do *Facebook* da Confederação para outros espaços midiáticos. Em pleno século XXI ainda vivemos aprisionados em preconceitos, devemos nos libertar e amplificar a liberdade de expressão dos surdos, pois os mesmos necessitam de visibilidade e interação com a sociedade que nem sempre é compreensiva. O meio jornalístico ainda têm buracos que precisam ser preenchidos com dedicação, deve ser mais ativo e humano envolvendo pessoas com deficiência no geral e fazendo com que a informação se propague para todos.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A SURDO MUDEZ NO BRASIL (cadeira de hygiene). – Rio de Janeiro: INES, 2013. (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos ; 6)

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977. In: CAVALCANTE, Ricardo; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta. **Análise de Conteúdo**: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidade e limitações do método. João Pessoa, v.24, n.1, 2014.

BRASIL, **Lei nº10.436**. Presidência da República, Casa Civil – Brasília, 2002. Disponível em: <<http://www.leidireto.com.br/lei-10436.html>>. Acesso em: 26 abr. 2012.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**, regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art.18 da Lei nº 10.098, de 19 de Dezembro de 2000.

CALDAS, Waldenir. **O futebol no país do futebol**. São Paulo, SP. Lua Nova, V.3, N.2, 1986. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451986000300005>. Acesso em: 22 dez. de 2017.

CBDS BRASIL – Confederação Brasileira de Desportos de Surdos. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/cbdsbrasil/>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

CICCONE, Marta. **Comunicação total**: introdução, estratégias a pessoa surda. 2ªed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996. In: KALATAI, Patrícia, STREIECHEN, Eliziane. **As principais metodologias utilizadas na educação dos Surdos no Brasil**. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus de Irati. Riozinho - PR, 2012.

COELHO, Vinicius Paulo. **Jornalismo Esportivo**. 4ª edição. São Paulo, Contexto, 2015.

DA COSTA, Pereira Lamartine. **Atlas do esporte no Brasil**; Rio de Janeiro, Editora Shape, 2005. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>>. Acesso em: 1, dez. 2017.

DEAFLYMPICS. International Committee of Sports for the Deaf, 2017. Disponível em: <<http://www.deaflympics.com/>>. Acesso em 06 de dez. 2017.

GABRIEL, Martha. **Marketing na era digital**. São Paulo: Novatec, 2010.

GAUDENZI, Paula, ORTEGA, Francisco. **Problematizando o Conceito de Deficiência a partir das Noções de Autonomia e Normalidade**. Rio de Janeiro - RJ, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n10/1413-8123-csc-21-10-3061.pdf>>. Acesso em 16 de nov. 2017.

GREGOLIN, Maria. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. Araraquara, SP. 1995.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda – linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª ed. São Paulo: Plexus, 1997. In: KALATAI, Patrícia, STREIECHEN, Eliziane. **As principais metodologias utilizadas na educação dos Surdos no Brasil**. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus de Irati. Riozinho - PR, 2012.

HONORA, Márcia, FRIZANCO, Mary Lopes Esteves, **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. II Título, São Paulo, Ciranda Cultural, 2009.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

KALATAI, Patrícia, STREIECHEN, Eliziane. **As principais metodologias utilizadas na educação dos Surdos no Brasil**. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus de Irati. Riozinho - PR, 2012. Disponível em: <<http://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>>. Acesso em 16 de nov. 2017.

MACHADO, Fernanda, CASARIN, Melânia de Melo. **História da Comunidade Surda e as Representações Culturais da Surdez**. Universidade Federal de Santa Maria. s/d. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/edu.especial.pos/images/historia.pdf>>. Acesso em 20 de nov. 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de texto de comunicação**. Editora Cortez. São Paulo, 2002.

MENDES, Beatriz, NOVAES, Beatriz. **Oficina de leitura com adolescentes surdos: uma proposta fonoaudiológica**. In: BERBERIAN, Ana Paula, MASSI, Giselli, GUARINELLO, Ana Cristina. **Linguagem escrita**. Referenciais para clínica fonoaudiológica. São Paulo, 2002.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007. In: CAVALCANTE, Ricardo; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta. **Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidade e limitações do método**. João Pessoa, v.24, n.1, 2014.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, 1999.

OLIVEIRA, Lucas, ALMEIDA, Fabíola. **Português de surdos em posts do Facebook: uma análise sistêmico-funcional do discurso através do gênero midiático**. Ponta Grossa, V.6, N.2, 2017.

PERUZZO, Cicilia. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. São Paulo, SP. V.1, N.1, 2007.

QUADRO, R. M. de; MASSUTTI, M. CODAs brasileiros: libras e português em zonas de contato. In: **Estudos Surdos II** Ronice Muller de Quadros e Gladis Perlin (org) - Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

RECUERO, Raquel. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook**. 2014. 11 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/7323/4187>>. Acesso em: 1 dez. 2017.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. In: OLIVEIRA, Lucas, ALMEIDA, Fabíola. **Português de surdos em posts do Facebook: uma análise sistêmico-funcional do discurso através do gênero midiático**. Ponta Grossa, V.6, N.2, 2017.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo, Plexus, 2007. In: KALATAI, Patrícia, STREIECHEN, Eliziane. **As principais metodologias utilizadas na educação dos Surdos no Brasil**. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus de Irati. Riozinho - PR, 2012.

SCHELP, Patrícia Paula. **Práticas de letramento de alunos surdos em contexto de escola inclusiva**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2008. In: KALATAI, Patrícia, STREIECHEN, Eliziane. **As principais metodologias utilizadas na educação dos Surdos no Brasil**. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus de Irati. Riozinho - PR, 2012.

STREIECHEN, Eliziane Manosso. **Língua Brasileira de Sinais: LIBRAS**; ilustrado por Sérgio Streiechen. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SOUZA, Tania. **Discurso e Imagem: Perspectivas de Análise não verbal**. La Plata, Buenos Aires, 1997.

UNZELTE, Celso; PRADO, Magaly (org.). **Jornalismo Esportivo: Relatos de uma paixão**. Volume 4. São Paulo, Saraiva, 2009.

WRIGLEY, Owen. **The Politics of Deafness**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1996.